



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Revista Arraso

Data: 18/10/2015

Caderno/Link: Capa + páginas 22 e 23

Assunto: Entre as 100 personalidades do agronegócio

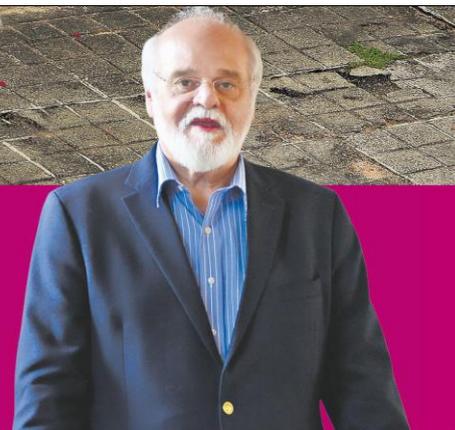


R\$ 3,00



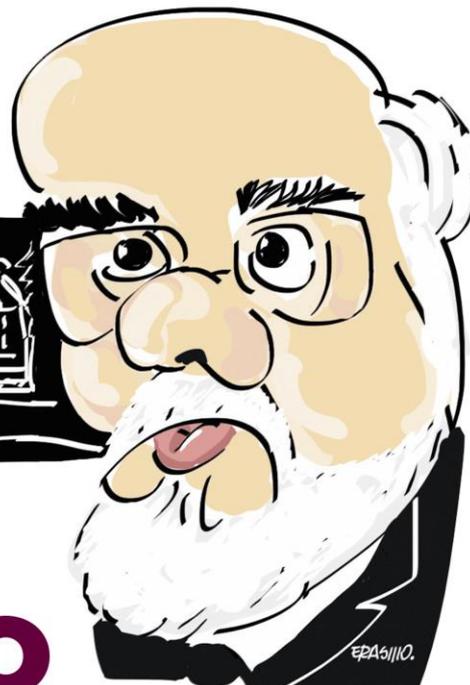
ROQUE DECHEN

Engenheiro agrônomo está entre as 100 personalidades do agronegócio



com **Antônio Dechen**

Entre as 100 personalidades do agronegócio



O engenheiro agrônomo Antônio Dechen fala sobre estar no ranking da revista Dinheiro Rural e os desdobramentos da crise no setor

Formado pela Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) em 1973, o engenheiro agrônomo Antônio Roque Dechen, de 65 anos, leciona na instituição desde 1980 a disciplina Nutrição Mineral em Plantas, vinculada ao Departamento de Ciências de Solo. Foi diretor da Esalq entre 2007 e 2010 e vice-reitor executivo de administração da USP (Universidade de São Paulo) de 2011 a 2014. Nascido no bairro do Recreio, em Charqueada, Dechen já recebeu o título de cidadão piracicabano concedido pela Câmara de Vereadores de Piracicaba. Preside a Fundação Agrisus e participa do Conselho Científico de Agricultura Sustentável. Neste ano, Dechen foi classificado pela revista Dinheiro Rural como uma das 100 personalidades mais influentes do agronegócio brasileiro. Roque Dechen integra a série de entrevistas especiais do **Jornal de Piracicaba** com profissionais e autoridades sobre a situação econômica brasileira.

Como foi ser listado entre as 100 personalidades do agronegócio pela publicação Dinheiro Rural neste ano?

Foi uma surpresa. Além da vida acadêmica, tenho uma circulação grande no ambiente empresarial, respeitabilidade nos mais diversos cenários. Dou aula desde 1980. Tem

muita gente que me conhece. Não sei quais os critérios a revista adota para fazer este levantamento. São 14 esalqueanos nesse ranking e esse é um número extremamente significativo. Dentro destes 14, você tem empresários fortíssimos, pesquisadores. É uma honra enorme, um reconhecimento fantástico e um estímulo muito interessante para continuar.

Como o senhor observa o momento atual do país?

Com muita preocupação. Acredito que a crise política é a causadora das crises nos demais setores. O setor agrícola sofre pressão sobre o momento político, mas é o único segmento econômico do Brasil que é rentável, é o que tem sustentado o PIB (Produto Interno Bruto) de nossa balança comercial, mas ele fica instável mediante tantas distorções e inseguranças políticas. Acho que isso tudo é contornável porque a demanda de comida sempre vai existir. O Brasil precisaria de uma política mais agressiva no sentido de sermos fornecedores de alimentos mas termos parceiros fortes na aquisição desses alimentos.

E como é isso hoje?

Temos grandes vendas de soja, de café, mas o futuro da nossa agricultura só ocorrerá quando a indústria também evoluir. O rol

industrial nos países mais evoluídos é mais eficiente do que a indústria nacional. Exportamos commodities primárias, café em grãos, soja em grãos, milho em grãos. E no exterior se faz a agregação de valores. O caso mais expressivo é o do café. Você exporta os grãos e, no exterior, é feita uma cápsula com os grãos brasileiros, e o preço de um quilo de grão é o preço de uma cápsula de café. É a agregação de valores sem correr os riscos de plantar, de colher, de exportar. Então, o Brasil precisa valorizar a produção agrícola e incrementar essa produção com qualidade. A produção é cada vez mais exigida nos seus conceitos, principalmente, de sustentabilidade. Quem compra, escolhe o que compra e vai escolher a qualidade do produto, as condições em que ele foi produzido. Isso tudo é muito ponderado hoje no mercado internacional.

O senhor acredita que o governo faz muita interferência no setor agrícola?

Quando você tem uma regra protetora, não é bom. O bom é que você esteja produzindo e ganhando em cima daquilo. Você não precisa de favores e subsídios para produzir, mas sim de facilidades, ter crédito, ninguém está pedindo nada de graça. Se você tivesse uma rede de logística de esco-

amento de produção agrícola, você já agregaria um valor de ganho muito grande. Se você tivesse uma rede viável e eficiente de distribuição, já estaria agregando este ganho ou diminuindo custos, o que aumentaria as condições de venda.

Como o setor agrícola tem se saído diante da crise?

Acho que tem se saído muito bem. Observamos hoje um dinamismo do sistema cooperativo. Como cooperado, você entrega sua parcela e tem um conjunto de pessoas trabalhando a política daquela comercialização. A produção tem também agregado um efeito cooperativo, por exemplo, existe uma empresa de Florianópolis que faz um levantamento da safra brasileira, tanto para produção de grãos como fazendo a estimativa no setor da pecuária. Temos visto através destes levantamentos que, no caso das produções de milho, soja e grãos, os produtores estão crescendo, regiões e unidades produtoras têm aumentado. E as tecnologias têm aumentado muito. Hoje existem grupos de assessores técnicos que trabalham a produção. Ele não é o dono da terra, mas faz toda a assessoria técnica. Não é somente uma forma de ganhar dinheiro, mas é assessorar, mostrar quais critérios o produto precisa ter para ser colocado no mercado. É um cenário de mudanças muito grande na agricultura e na pecuária.

O setor agrícola é bem estruturado. As descobertas e o conhecimento acadêmico sendo difundidos, chegando no campo ao produtor, não dependem do governo, é uma questão de autonomia. É isso mesmo?

É isso. Por exemplo, as propriedades grandes nas regiões do Mato Grosso, Norte e Nordeste, Mapotiba, para conseguir manter seus funcionários em fazendas distantes do núcleo habitacional, estão construindo sistemas de hospedagem para seus funcionários. São estruturas que o empresário tem que fazer para segurar o funcionário e é um movimento natural. Também temos a parte da biotecnologia, que é um cenário que tem avançado muito. E a próxima vai ser a agroenergia. O detalhe é que o país não apoia e não prioriza determinados segmentos.

De que maneira a crise afeta na área do etanol?

É um momento em que você tem uma crise de petróleo e tem facilidades de gerar uma alternativa com a característica do combustível limpo, da energia limpa, sem poluentes. Esse é o foco. Em outros países, proibiriam o uso de qualquer outra forma de combustível. Mas para nós é mais fácil ficar na depen-

dência da aquisição do que apoiar isso e ganhar mercado.

O dólar alto afeta de que maneira o produtor rural?

O preço dos defensivos e dos fertilizantes têm como base o dólar. Por mais que ele ganhe na hora da venda, ele não sabe como vai ser o dia seguinte. Se você planta com dólar alto, e colhe com dólar baixo, você quebra. Com essa insegurança política brasileira, a questão não é plantar, é questão de ter um diagnóstico de saber qual o valor do dólar quando planta e quando colhe. Mas esse diagnóstico não existe.

Como trabalhar no setor dessa maneira? Qual a saída?

Esse é um detalhe que o departamento de Economia da Esalq tem uma importância enorme. Temos o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), que sabe quanto foi comercializado de milho no dia, vendas de todos os segmentos, sabe o preço que o produto foi vendido, tudo checado e com muita credibilidade. É uma maneira do administrador saber como está o cenário, como os preços vão oscilar. O administrador precisa destes números. Não temos que achar, temos que ir na certeza e o Cepea baseia isso em dados concretos.

Quais as perspectivas no cenário nacional para o agronegócio a curto prazo?

É muito difícil fazer um cenário. A crise brasileira não será maior e mais traumática porque a agricultura existe, porque produzimos comida. Se, aliado a essa crise, você quisesse comprar comida e não tivesse, seria um caos. Esse é um momento para a classe agrônoma trabalhar, definir sua rentabili-

“

(Estar entre os 100) é uma honra enorme, um reconhecimento fantástico e um estímulo muito interessante para continuar

”

dade. Se os preços vão subir, é difícil fazer essa avaliação.

Como o senhor avalia a crise política e as medidas econômicas do governo Dilma Rousseff (PT) para o setor?

As medidas econômicas para o setor são meio drásticas. Mas é um reflexo de tudo: se você aumentou combustível, não é só para o seu carro na cidade, mas é também o do trator, o do caminhão que vai levar o produto da fazenda até o porto, até o mercado. São efeitos indiretos. O governo não tem mexido muito na política de penalização direta na agricultura. Existe uma taxa alta, sim. É preciso agregar valor e agregar tecnologia. O Brasil tem privilégio de ter água, área e luz. O país tem tudo para ser produtor de alimento, mas você precisa ter parceiros comerciais sólidos e políticas sólidas. E o país oscila muito na questão da estabilidade de relacionamentos externos. ■

Isabela Borghese/JP

